

Aulas com o Professor Deleuze: Possibilidades para um Estudante-egiptólogo da Matemática

Lessons with professor Deleuze: possibilities for an egyptologist-student of mathematics

*Patrícia Lima da Silva*¹

*Claudia Glavam Duarte*²

RESUMO

Este artigo faz parte de um estudo de doutorado que busca pensar algumas práticas da educação matemática relacionadas às olimpíadas de matemática. Primeiramente, apresentamos a ideia de egiptólogo pensada por Gilles Deleuze (2010) na obra *Proust e os signos* e nos detemos em compreender no que consiste esse ofício usado pelo filósofo para fazer referência ao aprendiz. A partir desse movimento, construímos algumas torções entre o ofício de egiptólogo e algumas características que Jorge Larrosa (2003) tem associado ao estudante, fazendo emergir a noção de estudante-egiptólogo. Operamos essa noção juntamente com enunciações extraídas de nosso material empírico de estudo, construindo as características de um estudante-egiptólogo da matemática.

PALAVRAS-CHAVE: Deleuze. Estudante. Egiptólogo. Signo

ABSTRACT

This article is part of a doctoral study that seeks to think about some practices in mathematics education related to the mathematical olympiad. First, we present the idea of egyptologist thought by Gilles Deleuze (2010) in the work *Proust e os signos* and we stop to understand what this craft used by the philosopher to refer to the apprentice consists of. From this movement, we built some twists between the egyptologist profession and some characteristics that Jorge Larrosa (2003) has associated with the student, giving rise to the notion of the egyptologist-student. We operate this notion together with statements taken from our empirical study material, constructing the characteristics of an egyptologist-student of mathematics.

¹ Universidade Federal do Rio Grande. E-mail: patriciasilva@furg.br. Orcid <https://orcid.org/0000-0002-8752-1399>

² Universidade Federal do Rio Grande do Sul. E-mail: claudiaglavam@hotmail.com. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-8608-5855>



KEYWORDS: Deleuze. Student. Egyptologist. Sign.

Introdução

Esse artigo emerge de um estudo de doutorado em Educação em Ciências que está em andamento pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Mais especificamente, vinculado à educação matemática pelas nossas formações e atuações profissionais. Nessa interseção e na escuta atenta ao professor Deleuze, que funciona como um "fantástico despertador"³, que surgem as questões que discutimos nesse artigo.

Nos estudos de doutorado vimos analisando práticas instigadas pelas olimpíadas de matemática. Isso engloba um conjunto de atividades que passa por ações de preparação para a competição (algumas vezes chamadas de treinamento), pela prova da olimpíada em si e por projetos voltados aos estudantes que se destacaram nas provas⁴. Nesse contexto, compreendemos por olimpíada de matemática uma diversidade de atividades que se aglutinam neste nome. Ela pode ser interna a uma escola específica, pode ser uma ação municipal, regional, estadual, nacional ou ainda internacional. No Brasil, em especial, a Olimpíada Brasileira de Matemática das Escolas Públicas (OBMEP)⁵ é a ação que tem mobilizado mais estudantes e professores nessa área.

Nessa conjuntura, a pergunta que orienta a escrita desse artigo é: *que potência apresentam as olimpíadas de matemática quando atravessadas pelo pensamento deleuziano?* Para efetuar alguns "exercícios de pensamento" (LARROSA; RECHIA, 2018, p. 222) sobre essa questão elegemos como material empírico para esse estudo os trabalhos que discutem as olimpíadas de matemática presentes nos anais do XIII Encontro Nacional de Educação Matemática (XIII ENEM)⁶ e o *site* da OBMEP⁷. A escolha do ENEM se justifica por este ser o maior

³ Essa expressão foi pronunciada por Michel Marié, aluno de Deleuze, ao se referir ao seu antigo professor (DOSSE, 2010, p. 91).

⁴ Com relação às atividades de preparação, elas acontecem de diferentes maneiras, podendo ser desenvolvidas pelos professores durante suas aulas regulares ou em horário extraclasse, por universidades e institutos federais em suas dependências ou nas escolas. Já as atividades com estudantes que se destacam costumam acontecer em universidades.

⁵ A OBMEP é uma "ação exclusivamente cultural e recreativa, sendo a participação voluntária e desvinculada à aquisição de qualquer bem, serviço ou direito" (IMPA, 2020b, p. 1) que acontece no Brasil desde 2005.

⁶ O ENEM é um evento organizado pela Sociedade Brasileira de Educação Matemática a cada três anos e reúne professores e estudantes de todo o Brasil que se interessam por temas da educação matemática. O XIII ENEM aconteceu no ano de 2019, na cidade de Cuiabá, Mato Grosso.

evento de educação matemática que acontece no Brasil, mobilizando professores e estudantes de matemática e áreas afins de todo o país. Esse fato contribui para que seus anais produzam e legitimem discursos que circulam na educação matemática com o *status* de "verdadeiro", dando a eles um caráter institucional e um estatuto de cientificidade. Esse contexto contribui para que tais discursos produzam e adquiram certa estabilidade ao adentrarem em um sistema de dispersão, que o faz circular de forma mais eficiente. Nas palavras de Foucault "a 'verdade' é centrada na forma de discurso científico e nas instituições que o produzem" (FOUCAULT, 2000, p. 13). Escolhemos sua décima terceira edição por se tratar da última que aconteceu até o presente momento. Compomos o material empírico desse estudo com o *site* da OBMEP por ser este um importante espaço de visibilidade para as práticas relacionadas às olimpíadas. Durante nossa escrita selecionamos algumas enunciações do material empírico que dão visibilidade às ideias que desenvolvemos.

Ao escrever este artigo, sabemos "que o discurso que produzimos com nossas pesquisas é um discurso parcial que foi produzido com base naquilo que conseguimos ver e significar com as ferramentas teóricas-analíticas-descritivas que escolhemos operar" (PARÁISO, 2014, p. 30). Assim, não pretendemos produzir verdades, mas modos de criar outros sentidos para as práticas mobilizadas pelas olimpíadas de matemática. Desse modo, ao efetuarmos uma análise das enunciações selecionadas do material empírico, buscamos ficar na superfície do dito, sem procurar por significados ocultos ou por alguma intenção que pudesse estar "por trás" do que está escrito. Assim, buscamos "não determinar se diz a verdade nem qual é seu valor expressivo, mas sim trabalhá-lo no interior e elaborá-lo" (FOUCAULT, 2012, p. 7). Dessa maneira, metodologicamente, analisamos discursos em uma perspectiva foucaultiana.

Para analisar os discursos, segundo a perspectiva de Foucault, precisamos antes de tudo recusar as explicações unívocas, as fáceis interpretações e igualmente a busca insistente do sentido último ou do sentido oculto das coisas – práticas bastante comuns quando se fala em fazer o estudo de um "discurso". Para Michel Foucault, é preciso ficar (ou tentar ficar) simplesmente no nível de existência das palavras, das coisas ditas. Isso significa que é preciso trabalhar arduamente com o próprio discurso, deixando-o aparecer na complexidade que lhe é peculiar. (FISCHER, 2001, p. 198)

⁷ O *site* da OBMEP pode ser acessado em: <http://www.obmep.org.br/>.

Para nos auxiliar a produzir outros sentidos para as práticas visibilizadas pelo material empírico, através de uma análise do discurso foucaultiana, mobilizamos algumas ideias desenvolvidas por Gilles Deleuze (2010), Jorge Larrosa (2003; 2018) e Jan Masschelein e Maarten Simons (2018). Nesse contexto de estudo, temos percebido potências no encontro entre o material empírico que adotamos e os intercessores⁸ que têm pensado junto conosco. É a partir do produto de alguns desses encontros que escrevemos esse artigo. Iniciamos com o professor Deleuze e com a ideia de egiptólogo, que encontramos em seu livro intitulado *Proust e os signos* (DELEUZE, 2010).

O professor Deleuze: notas sobre um egiptólogo

Nos interessou na leitura de Deleuze buscarmos pistas, rastros de sua atuação como professor. Estivemos sempre atentas aos seus movimentos que, segundo relatos de seus alunos, muitas vezes pareciam improvisações:

Deleuze tira um papel do bolso, desdobra-o lentamente e fica segurando na mão, sem jamais consultar. Dá a impressão de improvisação, mas se sabe [...] do cuidado meticuloso com que preparava suas aulas. Dando a impressão de estar no mesmo nível de seu público, de não ter preparado nada e de ser pego desprevenido, ele finge estar perturbado diante das questões que coloca a si mesmo em voz alta: "Ah! O transcendental, o que é isso?" (DOSSE, 2010, p. 92)

É nesta espécie de "improvisação planejada" que o professor convida seus estudantes ao exercício do pensar. Não obstante, para esse duplo exercício filosófico e docente, Deleuze se apropria de termos e ideias de diferentes áreas e autores para construir um pensamento que não cessa de ir "contra a *doxa* de sua época" (DOSSE, 2010, p. 89, grifo do autor). Um exemplo inusitado é o conceito de *rizoma*, termo pensado a partir da botânica. Mas as invenções do filósofo percorrem diferentes áreas, como a música para criar o conceito de *ritornelo* (ZOURABICHVILI, 2009). Quanto aos conceitos que ele pensa a partir de outros autores sabemos que "a ideia remete a Platão, substância a Aristóteles, cogito a Descartes, mônada a Leibniz, condição de possibilidade a Kant, vontade de potência a Nietzsche, duração a Bergson..." (MACHADO, 2009, p. 16).

⁸ Para Deleuze, intercessores "podem ser pessoas – para um filósofo, artistas ou cientistas; para um cientista, filósofos ou artistas – mas também coisas, plantas, até animais, como em Castañeda. Fictícios ou reais, animados ou inanimados, é preciso fabricar seus próprios intercessores. [...] Eu preciso de meus intercessores para me exprimir, e eles jamais se exprimiriam sem mim: sempre se trabalha em vários, mesmo quando isso não se vê" (DELEUZE, 2013, p. 160).

Para pensar o aprendiz, mesmo que o filósofo não tenha tido como objetivo pensar a educação propriamente dita, Deleuze faz uso da expressão egiptólogo na obra *Proust e os Signos* (DELEUZE, 2010). São três as citações que apontamos:

"Não existe aprendiz que não seja 'egiptólogo' de alguma coisa" (DELEUZE, 2010, p. 4);

"devemos ser egiptólogos" (DELEUZE, 2010, p. 86);

"O egiptólogo, em todas as coisas, é aquele que faz uma iniciação – é o aprendiz" (DELEUZE, 2010, p. 86).

Ao buscarmos uma iniciação a partir desta expressão recorreremos ao dicionário. Este associa esse termo ao "especialista em egiptologia" (EGIPTÓLOGO, 2015). Por sua vez, egiptologia é o "estudo das coisas antigas do Egito (seus monumentos, sua literatura etc.)" (EGIPTOLOGIA, 2015). Dessa maneira, são chamados de egiptólogos os profissionais de diferentes áreas que se dedicam ao estudo das coisas relacionadas ao Egito.

A grande maioria dos egiptólogos profissionais possui um grau acadêmico de doutor (PhD) em Egiptologia. Existem alguns poucos cursos de graduação em Egiptologia no mundo, por isso é muito comum que egiptólogos iniciem sua carreira acadêmica em áreas correlatas, como Arqueologia e História. Nesse caso, o caminho a ser adotado é buscar-se uma especialização em Egiptologia numa pós-graduação (PEREIRA, 2021).

Apesar do caminho mais comum feito pelos egiptólogos ser uma formação inicial em arqueologia ou em história, essas não são as únicas opções. O I Simpósio Internacional de Estudos em Egiptologia da USP convidou para participar do evento "trabalhos em História, Arqueologia, Bioarqueologia, Arte, Arquitetura, Literatura, dentre outras áreas, no âmbito da Egiptologia e Egiptomania, tendo como eixo o uso de fontes escritas e materiais, pautando-se pelos debates teóricos associados" (CADERNO..., 2019). Isso mostra o quão amplo é o campo de interesse da egiptologia. Esta é uma área de estudo e pesquisa que agrega profissionais com formações acadêmicas diversas⁹.

⁹ Em alguns tipos de pesquisa em egiptologia são agregados profissionais e tecnologias de outras áreas, além das já citadas. Por exemplo, ao realizar um estudo em múmias intactas sem danificá-las ou destruí-las pesquisadores do Museu Nacional da Universidade Federal do Rio de Janeiro (MN/UFRJ) têm trabalhado em conjunto com profissionais do Instituto Nacional de Tecnologia (INT) na utilização de Tomografia Computadorizada, Escaneamento Tridimensional e Prototipagem Rápida (impressora 3D) para a obtenção de arquivos matemáticos virtuais que possibilitam a construção de modelos físicos fiéis aos originais (BELMONTE; SANTOS; BRANCAGLION JÚNIOR, 2014).

Outro exemplo interessante neste sentido, é a parceria entre egiptólogos, físicos e engenheiros para a realização de pesquisas em pirâmides no Egito. Essa parceria permite usar termografia infravermelha para procurar por câmaras secretas, corredores escondidos ou cavidades

Com relação às técnicas usadas nas pesquisas em egiptologia, elas variam tanto quanto a formação dos pesquisadores dessa área e, em geral, são herdadas da sua formação inicial. Dessa forma há uma diversidade de técnicas utilizadas que resulta da combinação das formações dos membros de cada equipe de pesquisadores. Além disso, essa área possui muitas possibilidades de pesquisa e cada uma delas exige métodos específicos. Essas possibilidades passam por pesquisas de campo em sítios arqueológicos egípcios, pesquisa de campo analisando artefatos que pertencem a museus ou a laboratórios, análise e interpretação da arte e da escrita egípcia hieroglífica, análise de documentos, dentre outras. Apresentamos na sequência alguns exemplos de pesquisas desenvolvidas nessa área:

Assim, procuraremos analisar e interpretar a variabilidade das práticas funerárias a partir do estudo dos dados dos amuletos encontrados nessa localidade com relação à sua forma de uso e sua materialidade, ou seja, suas características físicas (ARROYO, 2019, p. 8).

Através de uma via interpretativa que considera a agência da imagem e sua relação com o entorno social, a comunicação buscará analisar alguns documentos imagéticos que caracterizavam o Egito [...] (BUENO, 2019, p. 9).

Diante desse quadro, nossa comunicação discutirá, em linhas gerais, a possibilidade de se analisar a extensa composição desse corpus documental em seus próprios contextos de produção, compreendendo-o não só como resultado de processos anteriores de interações culturais ocorridas no leste mediterrânico, mas também como reflexo local das dinâmicas de negociação de fronteiras internas e externas concernentes ao processo progressivo de consolidação da ordem imperial romana no Mare Nostrum (CARVALHO, 2019, p. 10).

Essa apresentação tem como objetivo expor as possibilidades de pesquisa em acervo utilizando, para tanto, representações do deus Bes [...] do Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo [...] (HORA *et al*, 2019, p. 13).

O artigo realiza um levantamento e apresenta uma análise crítica dos estudos de Peirce em Egiptologia de 1885 a 1904 [...]. Enquanto alguns dos insights de Peirce a respeito da língua e da civilização dos egípcios antigos são ainda sustentáveis, outros refletem certos equívocos da erudição de seu tempo, que exigem correção à luz do estado da arte na Egiptologia atual (SANCASSANI, 2019, p. 19).

Apesar de diversas pesquisas se dedicarem a realizar interpretações e análises sobre artefatos como amuletos, imagens, hieróglifos e documentos

desconhecidas em pirâmides. A técnica utilizada mede o calor absorvido ou emitido, criando um mapa térmico do local (AFP, 2017).

pertencentes a acervos, também existem, nos dias atuais, pesquisas de campo no próprio Egito. Um exemplo disso são as escavações que vêm acontecendo no sítio arqueológico de Saqqara (Necrópole de Bubasteion, pertencente à antiga capital egípcia de Mênfis), localizado a cerca de 30 quilômetros ao sul do Cairo. Esse sítio arqueológico tem revelado muitos artefatos pertencentes à antiga civilização egípcia. Um exemplo disso é a descoberta de mais de 100 sarcófagos intactos e diversos artefatos anunciada em novembro de 2020. Mais recentemente, em janeiro de 2021, foi anunciada a descoberta de mais 50 sarcófagos de madeira, enterrados em túmulos de 10 a 12 metros de profundidade. Além dos sarcófagos também foram encontradas máscaras mortuárias, um templo funerário, um santuário, diversos artefatos e peças de cerâmica no local (FIORATTI, 2021).

Ainda com relação à necrópole de Saqqara, foi lançado em 2020 um documentário intitulado *Os segredos de Saqqara* (OS SEGREDOS..., 2020) que mostra uma expedição arqueológica neste sítio durante o ano de 2019. Neste documentário podemos ver os egiptólogos em seu trabalho de campo, observar como acontecem as escavações em um sítio arqueológico e como acontece a delimitação da região em que uma equipe irá trabalhar. Vemos o momento do descobrimento de uma tumba, de sarcófagos, de ossadas, de múmias de animais, de estátuas de deuses. Podemos ver egiptólogos decifrando hieróglifos e atribuindo sentido a eles. Também observamos o momento da descoberta de diferentes artefatos e os profissionais, com seus pincéis sempre em mãos, escovando com cuidado os objetos para que seus detalhes se mostrem. Enfim, podemos ver o cuidado, a atenção e o conhecimento de um grupo de egiptólogos em seu ofício.

Dessa maneira, através do documentário *Os segredos de Saqqara* e das pesquisas que apresentamos, percebemos que o ofício de um egiptólogo está intimamente relacionado a interpretar artefatos e atribuir sentido a eles. Esses artefatos variam dentro de uma grande gama de possibilidades, são papiros, tumbas, sarcófagos, imagens, estátuas, múmias de pessoas e de diversos animais, objetos pessoais pertencentes à pessoa que foi mumificada, estelas etc. Assim, o ofício do egiptólogo consiste, por um lado, em encontrar estes artefatos e, por outro lado, em interpretá-los, atribuindo um sentido a eles. Apesar da grande variedade de técnicas utilizadas pelos egiptólogos em suas diferentes frentes de atuação, parece-nos que existem alguns princípios invariantes:

- Ser o menos invasivo possível, buscando preservar os materiais que, na maioria das vezes, são frágeis e raros. Isso exige do egiptólogo muita atenção e cuidado com as suas atividades. Além disso, também exige muito tempo de dedicação;

- Interpretar os artefatos, atribuindo um sentido a eles a partir de associações entre o achado atual e artefatos anteriores;

- Estar atento aos detalhes que ao mesmo tempo variam e se repetem nos diferentes *corpus* de pesquisa;

- Gerar notas e observações escritas com os detalhes de suas pesquisas, para serem analisadas.

Dessa forma, parece-nos que o trabalho de um egiptólogo disfuncionaliza a mecanicidade de qualquer ato. É necessário que o profissional esteja atento ao que pode surgir em seu ofício, como pontua o escavador Ghareeb no documentário *Os segredos de Saqqara*:

Quando estou trabalhando, todos os meus pensamentos se voltam para o que está na minha frente. Não é só a escavação irracional não. Quando você está segurando a picareta você precisa dar algum sentido. Vai encontrar alguma coisa? Precisa estar preparado. Você pode se deparar com uma múmia, com um osso, com um fragmento de alguma coisa. Precisa estar preparado para isso (OS SEGREDOS..., 2020).

Ter todos os pensamentos voltados para o que está a sua frente nos remete a uma expressão usada por Larrosa e Rechia (2018, p. 67) em língua espanhola “estar en lo que se hace”, que traduzida para a língua portuguesa seria “estar no que se faz”. Essa expressão traz consigo a ideia de estar presente no que se está fazendo, de estar com a atenção voltada para aquilo e não para outra coisa. É como se eles estivessem no “presente de encarnação”, como diz Pennac (2008, p. 56) para se referir a um tempo criado onde se está presente no que se faz e não em outra coisa.

No mesmo documentário são marcantes outras duas cenas que ilustram a importância de se “estar en lo que se hace” (LARROSA; RECHIA; 2018, p. 67) para o trabalho de um egiptólogo. A primeira delas mostra o momento em que a equipe encontra o pedaço de uma estátua e um dos integrantes da equipe se lembra que nas missões dos anos anteriores foram encontradas outras partes de estátuas que têm grande chance de se encaixarem e completar o monumento. Eles encaixam os diferentes pedaços e a estátua completa se erige diante deles. A atenção aos

detalhes, às cores, aos hieróglifos contribui para que a equipe complete aquele monumento. De maneira similar, vemos em uma outra cena do documentário a equipe encontrando uma base e logo em seguida a estátua que se encaixa sobre ela. Percebemos, através dessas ilustrações, que é necessário a um egiptólogo estar atento aos detalhes de cada peça e ir variando as posições de cada fragmento até ser possível formar o objeto completo, por mais que isso demore mais de uma temporada de pesquisa.

Mas o que faz o filósofo no livro *Proust e os signos* (DELEUZE, 2010), onde também "encontramos elementos para uma 'quase-teoria do aprender'" (GALLO, 2017, p. 3), invocar a figura do egiptólogo através das três afirmações que citamos no início dessa seção?

Pensamos que Deleuze invoca a postura do egiptólogo como força para pensar a mesma exigida pelo aprendiz e vai além ao sugerir que essa postura deveria ser adotada por todos. É interessante a escolha pelo egiptólogo, uma profissão muito ampla, com um campo de atuação vasto. A questão é pensarmos por que ele escolhe o egiptólogo e não algum outro ofício para aproximar do aprendiz? Parece-nos que pode ser por valorizar as qualidades intrínsecas a essa profissão e ver nelas uma postura necessária para que seja possível acontecer aprendizados. Mas o que aproxima a escovação do egiptólogo e do aprendiz? Os signos oportunizados pelo seu ofício, talvez respondesse o professor Deleuze. Ou dito de outro modo, por ver num egiptólogo um ser sensível aos signos emitidos nos encontros oportunizados pelo seu ofício.

Para Deleuze (2010) os signos são emitidos por pessoas, seres, objetos, matérias, mas não se confundem com estes. São os encontros com os signos que nos tornam sensíveis a decifrá-los. É nesse movimento de decifração dos signos que o professor Deleuze parece conduzir "seu público aos cumes que frequenta e, para se assegurar de que está sendo acompanhado, pergunta regularmente: o que isso quer dizer?" (DOSSE, 2010, p. 291).

Ainda, ao observarmos essa profissão vislumbramos na prática vocabulários importantes que são desenvolvidos em *Proust e os Signos* (DELEUZE, 2010). No trabalho de um egiptólogo acontecem recorrentemente *encontros* entre ele e artefatos diversos. É a *sensibilidade* do profissional que possibilita a *interpretação dos signos* emitidos e a atribuição de *significado* (ou *sentido*) a eles.

Ao observarmos a postura de um egiptólogo em seu ofício emergem diferentes características que nos remetem ao que Larrosa (2003) vem associando a um estudante¹⁰ em seus momentos de estudo. Assim, propomos uma torção entre a postura de um egiptólogo e a postura de um estudante. Nesse processo, buscamos no material empírico excertos em que possamos visualizar tal torção.

A possibilidade de emergência de um estudante-egiptólogo da matemática

Ao observarmos os trabalhos que compõem os anais do XIII ENEM e o *site* da OBMEP percebemos que os exercícios de matemática fazem parte dos momentos de estudo nas práticas instigadas pelas olimpíadas¹¹, funcionando como "exercícios de pensamento" (LARROSA; RECHIA, 2018, p. 222). Nesse contexto, parece que há uma autorização de usar no âmbito educacional vocabulários próprios ao meio esportivo sem que haja a necessidade de alguma justificativa. Parece-nos que essa permissão é autorizada por se tratar de uma olimpíada, como observamos no excerto abaixo.

Como em qualquer outro concurso, os competidores devem se preparar especificamente para o que será disputado. Enquanto nas competições esportivas é dedicado um grande tempo para treinamento físico, os "atletas" da matemática preparam-se através da resolução de problemas. Tal preparo visa desenvolver a habilidade lógica e a criatividade, bem como bons métodos de organização de pensamento e de trabalho. Uma olimpíada de matemática caracteriza-se por uma sequência de provas, compostas por problemas instigantes, que emprega a Matemática para solucioná-los. Na maioria das provas, os problemas que as compõem não requerem do aluno conhecimentos matemáticos avançados, mas sim, capacidade de interpretar, criar e improvisar (BAGATINI, 2019, p. 2, grifo nosso).

Como podemos ver no excerto acima, ser um atleta da matemática implica realizar certo treinamento que, nesse contexto, é compreendido como o estudo necessário para se preparar para as olimpíadas. Tal treinamento envolve principalmente a resolução de exercícios que visam o desenvolvimento de certas habilidades cognitivas úteis a essa competição. Os exercícios assumem um papel

¹⁰ Pontuamos que nesse artigo escolhemos usar a palavra estudante e não alguma outra, como aluno ou aprendiz, intencionalmente e inspiradas pelas reflexões que Larrosa e Rechia (2018) fazem sobre essas palavras. Escolhemos não usar a palavra aprendiz, apesar desta ser usada por Deleuze, por entender que "aprendiz, [está] ligado à aprendizagem de uma profissão [...]. O sujeito se constitui aprendiz quando aprende habilidades práticas ou técnicas" (LARROSA; RECHIA, 2018, p. 489). Com relação à palavra aluno, não usamos ela para nos distanciarmos do que Larrosa e Rechia (2008, p. 32, p. 155) nomeiam de uma condição administrativa e institucional de aluno. Condição essa que não implica um interesse pelo estudo da matéria, que é associado à palavra estudante.

¹¹ Os exercícios algumas vezes são chamados de problemas, atividades ou questões.

central nas práticas mobilizadas pelas olimpíadas de matemática. Dessa maneira, os exercícios de matemática, acionados e permitidos pelas olimpíadas, conquistam um dos lugares centrais nas discussões desse artigo. Através deles a matéria de estudo é colocada sobre a mesa pelas olimpíadas de matemática. "A mesa da escola [...] é uma mesa que torna possível o estudo, o exercício e o treinamento" (MASSCHELEIN; SIMONS, 2018, p. 110). Além disso, através deles a matemática se torna um objeto de estudo nessas práticas.

Os exercícios de matemática presentes nessas práticas "são sempre exercícios de estudo e para o estudo" (LARROSA; RECHIA, 2018, p. 175). Não faz sentido se perguntar qual vantagem se obterá em concluir a tarefa. São exercícios cujo objetivo é o estudo da matéria. Assim, "a ênfase não está na resolução de problemas sociais concretos – e a pressão e as expectativas que vêm com eles" (MASSCHELEIN; SIMONS, 2018, p. 60). Dessa forma, a matéria pode "tornar-se um objeto de estudo ou de exercício, tanto para o professor quanto para o aluno" (MASSCHELEIN; SIMONS, 2018, p. 77).

Durante o estudo, será necessário investir tempo na leitura das questões e na interpretação de textos, pois é fundamental entender bem os enunciados para resolvê-los corretamente (OBMEP, 2019, grifo nosso).

No item b, disseram que após entender a ideia do exercício, facilita muito: "O item b, apesar de sua resolução ser simples, exigiu um pouco mais de raciocínios. Após entender o [que] deveria ser feito, ficou muito fácil!" (BAGATINI, 2019, p. 12, grifo nosso).

A participação nos encontros aos sábados atesta o grande interesse que os professores vêm demonstrando em discutir Matemática e o incentivo que têm dado aos seus alunos para resolver os problemas olímpicos propostos nos treinamentos (SADA, 2019, p. 6-7, grifo nosso).

Sobre o questionário enviado aos estudantes, em relação à pergunta: "O que você achou da 1ª Olimpíada Amazonense de Matemática (OAM)?", os discentes responderam que foi uma excelente oportunidade de resolução de exercício e de aprimoramento conceitual (ALCÂNTARA FILHO; FAÇANHA FILHO; SENA FILHO, 2019, p. 12, grifo nosso).

Ao incentivar os estudantes a resolverem problemas olímpicos, a entender a ideia de um exercício, a ler e a interpretar os enunciados, enfim, a resolver exercícios, os professores colocam a matemática sobre a mesa nas práticas disparadas pelas olimpíadas de matemática que estamos analisando. Além disso, a busca por entender o que o exercício solicita pode despertar o interesse e a atenção dos estudantes para o estudo da matéria.

Nesse contexto, a partir de Deleuze, podemos pensar o estudante como um egiptólogo da matéria de estudo, que nesse caso é a matemática. Mas o que pode ser um egiptólogo da matemática? Pode ser alguém que busca "entender a ideia do exercício", que frente a um exercício busca decifrar os signos emitidos por ele. Necessita atribuir um sentido para aquele signo, precisa interpretar o seu significado, precisa escovar o exercício, assim como o poeta escova as palavras: "passava horas inteiras, dias inteiros fechado no quarto, trancado, a escovar palavras" (BARROS, 2018, p. 17). É nesse movimento de escovar um exercício de matemática que vislumbramos que o estudante pode ser pensado como um *estudante-egiptólogo* da matemática. Nesse movimento ele busca pelos detalhes que o exercício traz, busca identificar as suas nuances, busca decifrar os signos emitidos pelo exercício. Um ser que, como um egiptólogo, necessita de atenção e de tempo.

Larrosa e Rechia (2018, p. 94) afirmam que "os exercícios escolares têm a ver com o estar atento, com o tornar-se atento". Nesse sentido, "os exercícios escolares devem conceber-se como ginástica da atenção" (LARROSA; RECHIA, 2018, p. 175). A atenção é necessária para não deixar passar as nuances, os detalhes, para fazer as associações necessárias. A "atenção – e não tanto a motivação – é de importância crucial" (MASSCHELEIN; SIMONS, 2018, p. 51) na constituição de um estudante-egiptólogo. Ao escovar um exercício é necessário que o estudante esteja atento ao que se passa nesse encontro com os signos emitidos pela matéria de estudo. Dessa forma, a prática de uma ginástica da atenção para com os exercícios de matemática tem condições de tornar, através de exercícios, um estudante-egiptólogo sensível aos signos emitidos pela matemática. Concordamos com Larrosa (2018) ao afirmar que:

Os exercícios escolares podem ser considerados como uma espécie de ginástica de atenção. A atenção pode melhorar através do exercício: tornar-se mais intensa, mais refinada, mais concentrada, mais atenta. Sempre se pode prestar mais atenção: assistir a mais detalhes, a mais matizes, perceber o que não se percebia, ou percebê-lo de outra perspectiva. Poderíamos dizer que a atenção não é nada em si mesma, em abstrato, que só há tarefas que são feitas mais ou menos atentamente. A atenção, então, não pode ser separada dos exercícios nos quais é praticada e melhorada. A escola é o lugar de uma invenção e reinvenção permanente de exercícios, atividades, procedimentos e modos de fazer direcionadas para formar a atenção (LARROSA, 2018, p. 291).

Os exercícios presentes nas práticas instigadas pelas olimpíadas de matemática que estamos analisando abrem a possibilidade de "focaliza[rmos] a

nossa atenção em algo" (MASSCHELEIN; SIMONS, 2018, p. 51), e esse algo é justamente a matemática. A "atenção, se seguirmos Deleuze, [é] de uma natureza interpretativa já em sua raiz. Uma atenção, poderíamos dizer, que nos leva a querer de-cifrar, a querer ler o que ali nos está dizendo ou nos está querendo dizer" (LARROSA, 2018, p. 62). É a atenção que traz a presença da matemática e possibilita o estudo através da decifração dos signos emitidos pela matéria. Nesse sentido, Masschelein e Simons (2018, p. 128-129) afirmam que "a escola consiste em [...] atenção para a matéria". Assim, a atenção a qual nos referimos está vinculada ao estudo da matemática.

podemos ver que os alunos estão felizes em participar deste projeto e *estão desenvolvendo as atividades com dedicação e atenção* (LIMA *et al.*, 2019, p. 11, grifo nosso).

Os alunos, concentrados na atividade, leram o enunciado, conjecturaram algumas possibilidades de resolução e, em alguns momentos, chamaram a professora formadora para tirar dúvidas ou perguntar se a resposta estava correta (CARVALHO; BAQUEIRO, 2019, p. 8, grifo nosso).

Aos 71 anos, o professor que a inspirou, Archimedes de Andrade Neto, continua lecionando em Caraguatatuba. De vez em quando ele pensa com saudade na ex-aluna. "Karen era uma ótima aluna, muito inteligente, dedicava-se intensamente, *prestava muita atenção*, lutava para ser a melhor da classe. Uma vez, pediu exercícios mais difíceis! Elevei o nível para ela e outra aluna, e as duas foram muito bem nas olimpíadas. Sinto saudade. Sou professor da época antiga, considero que a Matemática é o que move o mundo. É capaz de transformar vidas" (IMPA, 2020a, p. 34, grifo nosso).

Já o tempo é uma das condições que torna possível ser um estudante-egiptólogo. É o que possibilita que possa se demorar em um exercício, pensar nas estratégias, verificar se a solução encontrada faz sentido, escovar e reescovar o mesmo exercício.

Consequentemente, o tempo livre como tempo escolar não é um tempo para diversão ou relaxamento, mas é um tempo para prestar atenção ao mundo, para respeitar, para estar presente, para encontrar, para aprender e para descobrir. O tempo livre não é um tempo para o eu (para satisfazer necessidades ou desenvolver talentos), mas um tempo para se *empenhar em algo*, e esse algo é mais importante do que as necessidades pessoais, os talentos ou os projetos (MASSCHELEIN; SIMONS, 2018, p. 98, grifo dos autores).

Percebemos que as olimpíadas de matemática criam tempo livre no sentido proposto por Masschelein e Simons (2018) para os estudantes se dedicarem ao estudo da matemática. Esse tempo livre é composto por diferentes momentos de estudo que são criados pelas diferentes práticas disparadas pelas olimpíadas de

matemática. Podem ser encontros regulares em algum momento da semana ou horários alternativos em que os estudantes se organizam para estudar, como nos mostram os excertos a seguir.

Sobre a preparação, disseram que através do incentivo das famílias e sob a orientação dos professores, tiveram acesso a muitas atividades preparatórias como estudos e resolução de problemas em horários alternativos (ALCÂNTARA FILHO; FAÇANHA FILHO; SENA FILHO, 2019, p. 12-13, grifo nosso).

A dinâmica do treinamento consiste de um tempo dado ao aluno para leitura, interpretação e registro da resolução de cada questão, seguido de uma discussão, mediada pelo aplicador, sobre as diferentes resoluções (SADA, 2019, p. 4, grifo nosso).

O projeto acontece em forma de aulas extras, aos sábados, durante todo o ano (BEZERRA; SOUZA; GOMES, 2019, p. 10, grifo nosso).

Essas aulas acontecem semanalmente no Campus, para que os alunos se preparem para as provas das Olimpíadas Brasileiras de Matemática das Escolas Públicas (OBMEP) (PEROZA; SILVA; BALTAZAR JUNIOR, 2019, p. 3, grifo nosso).

A partir dessas condições, pensamos no estudante-egiptólogo da matemática através das aproximações que observamos entre um egiptólogo em seu ofício e um estudante frente a um exercício de matemática nas práticas mobilizadas pelas olimpíadas de matemática.

Podemos observar que a egiptologia é uma área tão ampla quanto a matemática. Na egiptologia existem diversas formas de se atuar. Pode-se analisar documentos, atuar em laboratório ou em sítios arqueológicos, conforme discutido anteriormente. Na matemática existem diferentes formas de estudo. Pode-se estudar em aula, em casa, em grupo, individualmente, em livros, resolvendo exercícios, por exemplo. Passamos então a elencar alguns pontos de contato que observamos entre as formas de um egiptólogo atuar em seu ofício e as maneiras de um estudante estudar matemática nas práticas mobilizadas pelas olimpíadas de matemática através de seus exercícios.

Um egiptólogo, em seu trabalho de campo, não recebe respostas prontas. Ele vai escavando, escovando, interpretando, atribuindo sentido. Quando em meio a uma escavação surge um artefato é necessário parar, ir mais devagar, escovar com cuidado. Observar se o artefato encontrado se parece com outros já conhecidos ou não. Um estudante ao se deparar com um exercício de matemática encontra-o em aberto, ele não vem acompanhado de resposta (por mais que algumas vezes ele possa se apresentar com algumas alternativas em exercícios de múltipla escolha). É

necessário escovar o exercício com cuidado. Observar se ele se parece com outros exercícios já conhecidos. Assim, obter pistas de um caminho a seguir ou, caso contrário, ir devagar e com cuidado. É no espaço criado pelo exercício, onde há a possibilidade de construir respostas, que o estudante encontra o seu lugar: “O estudante só pode encontrar um lugar na desapareição das palavras sábias, dos livros lidos, das perguntas respondidas, dos ruídos que lhe dão tudo dito, nomeado” (LARROSA, 2003, p. 57).

Perguntados se a maneira de alcançar a solução foi criada por eles ou ensinada, *alguns afirmaram que os professores ensinam alguns métodos e adaptam-nos de acordo com o problema. Os outros, porém, afirmam que interpretam o problema e o caminho que seguem é criado por eles, sem ter tido dicas ou metodologias ensinadas por alguém* (BAGATINI, 2019, p. 13, grifo nosso).

Em meio a uma escavação, ao surgir algo novo todos param. Pensam o que pode ser, associam ao seu contexto, relacionam com o que já conhecem, se demoram, buscam preservar o achado. Se a escavação está sendo feita com uma picareta, ela é rapidamente trocada pelo pincel a fim de preservar a artefato que começa a se mostrar. Já o estudante, ao se deparar com exercícios novos também se detém para observar com cuidado. Ele busca identificar o que precisa fazer para depois poder continuar. Nessa parada, elabora estratégias para a resolução dos exercícios.

O único fator em comum, é que *todos eles identificam o que pede o problema para então trabalhar nele, juntando os dados necessários e entender o que deve ser feito para se chegar à solução do mesmo* (BAGATINI, 2019, p. 13, grifo nosso).

O egiptólogo muitas vezes trabalha em equipes, conversa com seus colegas. Em grupo, discute as possíveis interpretações e atribui um sentido aos artefatos e hieróglifos que surgem. Os estudantes, muitas vezes, trabalham em grupos ou duplas buscando decifrar os signos emitidos por um exercício. É em grupo que, algumas vezes, os estudantes interpretam os significados dos signos e atribuem um sentido a eles.

O envolvimento dos alunos na aula foi perceptível ao empreenderam processos de exploração tanto da atividade quanto do instrumento utilizado, bem como fazerem testes e deduções e *trabalharem em grupo produzindo argumentos com os colegas* (CARVALHO; BAQUEIRO, 2019, p. 10, grifo nosso).

No entanto, o trabalho do egiptólogo e o estudo acontecem, muitas vezes, de forma individual. “Quando todos dormem, o estudante tem os olhos bem abertos e o

espírito alerta. Quando todos dormem, o estudante estuda, vela” (LARROSA, 2003, p. 33). É sozinho que, muitas vezes, o estudante se encontra com os exercícios de matemática e focaliza a sua atenção na matéria de estudo. É também sozinho que, muitas vezes, o egiptólogo trabalha, no silêncio das suas pesquisas, na interpretação de seus materiais.

Além disso, cabe pontuar que durante a execução do curso *há momentos de estudos individualizados com listas de exercícios [...]*. (LIMA *et al.*, 2019, p. 12, grifo nosso).

Em todos os casos há sempre um caderno e um lápis por perto. Sempre se anota o que se encontrou, se faz o registro. A escrita se faz presente no ofício do egiptólogo. E essa escrita contém o máximo de observações e de detalhes possíveis. A escrita é igualmente importante nas práticas instigadas pelas olimpíadas de matemática. O estudante precisa escrever cuidadosamente a sua resposta com o máximo de detalhes e informações possíveis. “Estudar: ler escrevendo. Com um caderno aberto e um lápis na mão” (LARROSA, 2003, p. 7).

É possível verificar que existe um rigor ao responder às questões e uma preocupação na explicação detalhada, relatando todos os passos feitos, e justificando-os (BAGATINI, 2019, p. 9, grifo nosso).

No ofício de um egiptólogo a interpretação e a atribuição de sentido são centrais. Os sentidos não estão prontos, tampouco acabados, e muitas vezes é necessário a combinação de diferentes técnicas. Muitas vezes os egiptólogos se deparam com coisas novas, que necessitam de novas interpretações, que exigem novos sentidos: uma tumba pertencente a alguém que os registros históricos ainda não citaram, uma múmia de uma espécie de animal que nunca havia sido registrada, ossos com evidências de uma doença cujo primeiro registro histórico conhecido é de muitos anos depois. Algo parecido com isso acontece no estudo. Algumas vezes, diferentes técnicas precisam ser combinadas para se resolver um exercício. Outras vezes, um estudante pode resolver um exercício usando uma técnica diferente da escolhida por seu colega.

Eles podem resolver às questões de diversos modos, valorizando os diferentes tipos de técnicas (PEROZA; SILVA; BALTAZAR JUNIOR, 2019, p. 3, grifo nosso).

O egiptólogo e o estudante não buscam a resolução de problemas sociais. Tampouco há a preocupação para obtenção de alguma implicação social. O enraizamento social é suspenso. Ambos se dedicam a um estudo que pode ter impacto social, mas essa questão, em um primeiro momento, não chega a ser

colocada. A sociedade fica do lado de fora da porta do estudante e fica também do lado de fora da porta do egiptólogo. Dessa maneira, estudar é “um caminho sem fim nem finalidade” (LARROSA, 2003, p. 25).

Assim, essa proposta tencionava viabilizar que estudantes com interesse em aprofundar seus conhecimentos em matemática tivessem *um espaço para discutir e refletir sobre a matemática* através da resolução de questões de edições anteriores da olimpíada, mesmo que tal espaço não fosse oferecido pela escola onde estuda (FOGLIARINI FILHA; DURO; ANDRADE, 2019, p. 2, grifo nosso).

Finalizamos pontuando que as características citadas acima, que relacionam a postura de um egiptólogo em seu ofício com a postura de um estudante frente a exercícios de matemática são indissociáveis à atenção e ao tempo livre. Esse conjunto de características que fizemos aparecer se somam a mais uma lição do professor Deleuze que afirma, de acordo com Dosse (2010, p. 291): “uma aula é emoção. Se não há emoção, não há inteligência, nenhum interesse, não há nada”.

Considerações finais

Em nossos estudos vimos atentando para diferentes práticas instigadas pelas olimpíadas de matemática buscando perceber as potencialidades do que se passa nesse contexto para pensarmos a educação matemática. Juntamente com esse movimento, buscamos pistas na filosofia e na prática docente de Deleuze para pensarmos o nosso campo de interesse e atuação.

Ao estudarmos o livro *Proust e os signos* (DELEUZE, 2010), onde Deleuze desenvolve algumas ideias relacionadas ao aprender, encontramos a ideia de egiptólogo relacionada à ideia de aprendiz. Tal encontro foi potencializador para o nosso pensamento. Adentrando esse ofício, diferentes pontos nos potencializaram para pensar sobre o estudar matemática. A partir desse movimento efetuamos uma torção juntamente com características que Larrosa vem associando ao estudante, emergindo a noção de um estudante-egiptólogo da matemática. Pontuamos que não pretendemos que essa seja uma noção totalizante ou homogeneizadora para se pensar sobre os estudantes.

Na articulação entre as características do ofício de um egiptólogo, a postura de um estudante em seus momentos de estudo e os excertos retirados do nosso material empírico construímos as características do que pode ser pensado como um estudante-egiptólogo da matemática. Destacamos a prática de escovar um exercício

de matemática para construir respostas, a elaboração de estratégias para escrever uma resposta, os momentos de estudo que ora são individuais e ora são em grupos, a escrita por extenso das respostas construídas, a combinação de diferentes técnicas para interpretar e atribuir sentidos aos signos emitidos por um exercício e, por fim, a suspensão da obrigatoriedade de se ter um enraizamento social como características de podem oportunizar um estudante-egiptólogo. Ainda, parece-nos que é condição de possibilidade para podermos pensar em um estudante-egiptólogo da matemática que haja tempo livre para o estudo e que a atenção esteja presente.

Referências

AFP. **Egiptologia**, [S.l.], 2017. Disponível em: <<https://youtu.be/8gQzPOHSsZo>>. Acesso em: 13 jan. 2021.

ALCÂNTARA FILHO, José de; FAÇANHA FILHO, Eriberto Barroso; SENA FILHO, Nilo da Silva. Olimpíada Amazonense de Matemática: perspectivas para um trabalho com resolução de problemas no Amazonas. In: ENCONTRO NACIONAL DE EDUCAÇÃO MATEMÁTICA, 13., 2019, Cuiabá. **Anais [...]**. 2019.

ARROYO, Victoria. Os amuletos funerários da não-elite no Antigo Egito: uma abordagem contextual. In: **CADERNO DE RESUMOS DO I SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE EGIPTOLOGIA DA USP**. São Paulo, 2019.

BAGATINI, Alessandro. Olimpíadas de Matemática, altas habilidades e resolução de problemas. In: ENCONTRO NACIONAL DE EDUCAÇÃO MATEMÁTICA, 13., 2019, Cuiabá. **Anais [...]**. 2019.

BARROS, Manoel de. **Memórias inventadas**. 1. ed. Rio de Janeiro: Alfaguara, 2018.

BELMONTE, Simone Letícia Rosa; SANTOS, Jorge Roberto Lopes dos; BRANCAGLION JÚNIOR, Antonio. Tecnologias tridimensionais aplicadas em pesquisas arqueológicas de múmias egípcias. In: BRANCAGLION JR, Antonio; SILVA, Thais Rocha da; LEMOS, Rennan de Souza; SANTOS, Raizza Teixeira dos (Org.). **Semna – Estudos de Egiptologia**. Rio de Janeiro: Seshat – Laboratório de Egiptologia do Museu Nacional, 2014. p. 47-63.

BEZERRA, Riane Leitão; SOUZA, Francisco Jucivânio Félix de; GOMES, Antônia Dália Chagas. O ENSINO DE MATEMÁTICA E OBMEP: UMA INTERAÇÃO POSSÍVEL?. In: ENCONTRO NACIONAL DE EDUCAÇÃO MATEMÁTICA, 13., 2019, Cuiabá. **Anais [...]**. 2019.

BUENO, Giovanni Pando. Visualidade e Alteridade – as imagens do Egito construídas na Roma de Augusto. In: **CADERNO DE RESUMOS DO I SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE EGIPTOLOGIA DA USP**. São Paulo, 2019.

CADERNO DE RESUMOS DO I SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE EGIPTOLOGIA DA USP, 2019, São Paulo. Disponível em: <<https://sites.usp.br/egiptologia/caderno-de-resumos/>>. Acesso em: 13 jan. 2021.

CARVALHO, Ana Paula Scarpa Pinto de. Os Papiros Mágicos Gregos e seus contextos de produção: outras abordagens possíveis. In: **CADERNO DE RESUMOS DO I SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE EGIPTOLOGIA DA USP**. São Paulo, 2019.

CARVALHO, Gabriele Souza de; BAQUEIRO, Grace Dórea Santos. OS DETETIVES DA MATEMÁTICA: A AULA DE INVESTIGAÇÃO MATEMÁTICA COM ALUNOS DO PROJETO EMAPOL. In: ENCONTRO NACIONAL DE EDUCAÇÃO MATEMÁTICA, 13., 2019, Cuiabá. **Anais** [...]. 2019.

DELEUZE, Gilles. **Conversações** (1972-1990). Tradução de Peter Pál Pelbart. 3. ed. São Paulo: Editora 34, 2013.

DELEUZE, Gilles. **Proust e os signos**. Tradução de Antonio Piquet e Roberto Machado. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

DOSSE, François. **Gilles Deleuze e Félix Guattari**: biografia cruzada. Tradução de Fatima Murad. Porto Alegre: Artmed, 2010.

EGIPTOLOGIA. In: **Michaelis**. [S.l.], Editora Melhoramentos, 2015. Disponível em: <<https://michaelis.uol.com.br/palavra/v074/egiptologia/>>. Acesso em: 13 jan. 2021.

EGIPTÓLOGO. In: **Michaelis**. [S.l.], Editora Melhoramentos, 2015. Disponível em: <<https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/egiptologo/>>. Acesso em: 13 jan. 2021.

FIORATTI, Carolina. Arqueólogos desenterram 50 sarcófagos na necrópole de Saqqara, no Egito. **Super Interessante**, 19 jan. 2021. Disponível em: <<https://super.abril.com.br/historia/arqueologos-desenterram-50-sarcofagos-na-necropole-de-saqqara-no-egito/>>. Acesso em: 26 jan. 2021.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. Foucault e a análise do discurso em educação. **Cadernos de Pesquisa**. Rio de Janeiro, n. 114, p. 197-223, 2001.

FOGLIARINI FILHA, Cláudia Brum de Oliveira; DURO, Mariana Lima; ANDRADE, Carina Loureiro. OBMEP: APRENDIZAGEM DE MATEMÁTICA PELA RESOLUÇÃO DE PROBLEMAS. In: ENCONTRO NACIONAL DE EDUCAÇÃO MATEMÁTICA, 13., 2019, Cuiabá. **Anais** [...]. 2019.

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. Tradução de Luiz Felipe Baeta Neves. 8. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2012.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder**. Rio de Janeiro: Graal, 2000.

GALLO, Silvio. O Aprender em Múltiplas Dimensões. **Perspectivas da Educação Matemática**, v. 10, n. 22, 10 jun. 2017.

HORA, Juliana; DUARTE, Claudio; LIMA, Rodrigo; OLIVEIRA, Caroline; RODRIGUES, Guilherme; MENDES, Jéssica; COUTINHO, Mário. Possibilidades de pesquisas com o acervo egípcio do MAE-USP: O caso do Bes. In: **CADERNO DE RESUMOS DO I SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE EGIPTOLOGIA DA USP**. São Paulo, 2019.

IMPA. **Histórias inspiradoras da olimpíada brasileira de matemática das escolas públicas**. Rio de Janeiro, 2020a. Disponível em: <<http://www.obmep.org.br/destaques.DO?id=719>>. Acesso em: 20 abr. 2021.

IMPA. **REGULAMENTO DA 16ª OLIMPÍADA BRASILEIRA DE MATEMÁTICA DAS ESCOLAS PÚBLICAS - OBMEP 2020**. Rio de Janeiro, 2020b. Disponível em: <<http://www.obmep.org.br/regulamento.htm>>. Acesso em: 4 jun. 2020.

LARROSA, Jorge. **Esperando não se sabe o quê**: sobre o ofício de professor. Tradução de Cristina Antunes. 1. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2018.

LARROSA, Jorge. **Estudar=Estudiar**. Tradução de Tomaz Tadeu e Sandra Corazza. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

LARROSA, Jorge; RECHIA, Karin. **P de professor**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2018.

LIMA, Francisco do Nascimento et al. ANÁLISE DA INFLUÊNCIA DA PARTICIPAÇÃO NO CURSO PREPARATÓRIO PARA A OBMEP NAS COMUNIDADES CAMPEŞINAS DE CANGUARETAMA RN. In: ENCONTRO NACIONAL DE EDUCAÇÃO MATEMÁTICA, 13., 2019, Cuiabá. **Anais [...]**. 2019.

MACHADO, Roberto. **Deleuze, a arte e a filosofia**. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

MASSCHELEIN, Jan; SIMONS, Maarten. **Em defesa da escola**: uma questão pública. Tradução de Cristina Antunes. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2018.

OBMEP. **1ª Fase da OBMEP: Saiba como se preparar**. [S.l.], 3 abr. 2019. Disponível em: <www.obmep.org.br/noticias.DO?id=624>. Acesso em: 26 ago. 2019.

PARAÍSO, Marlucy Alves. Metodologias de pesquisas pós-críticas em educação e currículo: trajetórias, pressupostos, procedimentos e estratégias analíticas. In: MEYER, Dagmar Estermann; PARAÍSO, Marlucy Alves (Org.). **Metodologias de pesquisas pós-críticas em educação**. 2. ed. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2014. p. 25-47.

OS SEGREDOS de Saqqara. Direção de JamesTovell. [S.l.]: Netflix, 2020. (114min).

PENNAC, Daniel. **Diário de escola**. Tradução de Leny Werneck. Rio de Janeiro: Rocco, 2008.

PEREIRA, Ronaldo Guilherme Gurgel. Introdução. **ÆGYPTOLOGUS**. [S.l.], 2021. Disponível em: <<https://aegyptologus.com/introducao-geral-a-egiptologia/>>. Acesso em: 13 jan. 2021.

PEROZA, Leslli Adriani; SILVA, Patrícia Lima da; BALTAZAR JUNIOR, Rene Carlos Cardoso. DESENVOLVIMENTO DE ATIVIDADES NO PROGRAMA POLOS OLÍMPICOS DE TREINAMENTO INTENSIVO. In: ENCONTRO NACIONAL DE EDUCAÇÃO MATEMÁTICA, 13., 2019, Cuiabá. **Anais [...]**. 2019.

SADA, Claires Marcele. OLIMPÍADA DE MATEMÁTICA COM ALUNOS DO 5º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL - PARA ALÉM DE COMPETIÇÃO. In: ENCONTRO NACIONAL DE EDUCAÇÃO MATEMÁTICA, 13., 2019, Cuiabá. **Anais [...]**. 2019.

SANCASSANI, Victor. Os estudos egiptológicos de Charles S. Peirce. In: **CADERNO DE RESUMOS DO I SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE EGIPTOLOGIA DA USP**. São Paulo, 2019.

ZOURABICHVILI, François. **O vocabulário de Deleuze**. Tradução de André Telles. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2009.

Submetido em outubro de 2021.

Aceito em março de 2022.

